

ALÉM DO CORAÇÃO SELVAGEM: A PROSTITUIÇÃO MASCULINA EM “SAUVAGE” (2018)

Diego Santos Vieira de Jesus¹

Resumo: O objetivo é examinar como o filme francês “Sauvage” (2018), de Camille Vidal-Naquet, trata a prostituição masculina a partir dos perfis e das ações de seus principais personagens que assumem a função de prostitutos e da sua interação com os clientes. O argumento central aponta que o filme reforça uma série de perfis psicossociais, já trabalhados na literatura acadêmica, que vinculam a prostituição masculina à hipermasculinidade, à criminalidade e ao vício em drogas. Embora o protagonista não escape completamente a esses perfis, ele desenvolve, de forma distinta a perfis que ganharam força no tratamento político-acadêmico da prostituição masculina, afeto e carinho não apenas pelos clientes, mas por outro prostituto. Ele manifesta sentimentos não-contidos pela lógica de socialização no ambiente da prostituição e preserva a liberdade para guiar o seu destino, sem medir as consequências negativas, para seu próprio futuro, de permanecer na atividade que exerce.

Palavras-chave: Prostituição masculina; cinema francês; Sauvage; Camille Vidal-Naquet; afeto

Introdução

A prostituição é tipicamente pensada como uma ocupação feminina, que atende a demandas predominantemente de homens por contatos sexuais, mas ela também é realizada por homens, e a atividade também pode ser contratada por mulheres. A prostituição masculina é tão antiga quanto a feminina, havendo relatos de que a primeira já era bem conhecida na Grécia Antiga e no Império Romano (BOSWELL, 1980). Um prostituto ou trabalhador do sexo é definido como um homem que oferece serviços sexuais a uma variedade de consumidores, em troca de dinheiro ou alguma outra forma de benefício (ALLEN, 1980). Neste estudo, o foco

¹ Doutor em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), docente e pesquisador do Programa de Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa (MPGEC) da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM-Rio).

estará nos trabalhadores do sexo masculino que oferecem seus serviços a clientes homens. Eles podem ser prostitutas de rua ou de luxo; realizar a atividade ocasional ou permanentemente; tê-la como sua ocupação principal ou não; serem-se como heterossexuais, bissexuais ou gays ou estar ou não envolvidos em atividades ilícitas, como o tráfico de drogas (VAN DER POEL, 1992).

Algumas vezes, prostitutas ocupam espaço em noticiários quando são vítimas de violência por parte de clientes e policiais. Ademais, o pânico moral em relação aos prostitutas é frequentemente encorajado pela associação feita por meios de comunicação e até mesmo por autoridades entre a prostituição e a transmissão de doenças, de forma que as atividades dos trabalhadores do sexo continuam a ser estigmatizadas como perigosas por conta do alto risco de contaminação que envolvem em caso de relações sexuais não-protégidas e, em certos casos, do uso de drogas injetáveis. Como muitos clientes mantêm relacionamentos com mulheres ou mesmo outros homens, instiga-se o receio de que esposas, companheiros ou filhos desses clientes também sejam infectados (WEST, 1993). Dentre os motivos que os levaram à prostituição, diversos homens apontam o dinheiro, a chance de conhecer outras pessoas, a existência de um horário flexível de trabalho e a oportunidade de desenvolver relações mais intensas com clientes regulares, o que pode render a eles mais benefícios materiais. As principais desvantagens indicadas seriam o contato com clientes violentos, a possibilidade de tais prostitutas serem presos ou extorquidos pela Polícia, os perigos relacionados a doenças venéreas e a concorrência com outros prostitutas por clientes e pontos de prostituição (EARLS; DAVID, 1989).


No filme francês “Sauvage” (“Selvagem”, 2018), o diretor e roteirista Camille Vidal-Naquet apresenta a história de Leo (interpretado por Félix Maritaud), um jovem de 22 anos que mora na rua e se prostitui para viver. Sem almejar uma saída da vida de prostituto, Leo se mostra entregue aos perigos que essa atividade pode trazer, como programas com clientes que abusam de seu corpo, festas com os amigos prostitutas regadas a bebidas e drogas e a vida nas calçadas e parques. Diante da ausência de uma perspectiva de futuro, o jovem percorre o ciclo de uma vida desregrada e constantemente paga com sua saúde, seu corpo e a sua dignidade. Embora Leo realizasse toda vontade e prazer, a satisfação plena jamais era atingida, como, por exemplo, a conquista do amor por Ahd (interpretado por Éric Bernard), outro prostituto que sonhava em deixar a vida de prostituição, enquanto Leo parecia ter uma ânsia enorme em permanecer na vida de prostituto por um desejo intenso de carinho e afeto, acompanhado da impossibilidade

de se desvencilhar de um impulso maior de ser livre de quaisquer compromissos que não sejam aqueles que definiu para ele mesmo (SANTIAGO, 2018).

O objetivo é examinar como o filme francês “Sauvage” (2018), de Camille Vidal-Naquet, trata a prostituição masculina a partir dos perfis e das ações de seus principais personagens que assumem a função de prostitutas e da sua interação com os clientes. O argumento central aponta que o filme reforça uma série de perfis psicossociais, já trabalhados na literatura acadêmica, que vinculam a prostituição masculina à hipermasculinidade, à criminalidade e ao vício em drogas. Embora o protagonista não escape completamente a esses perfis, ele desenvolve, de forma distinta a perfis que ganharam força no tratamento político-acadêmico da prostituição masculina, afeto e carinho não apenas pelos clientes, mas por outro prostituto. Ele manifesta sentimentos não-contidos pela lógica de socialização no ambiente da prostituição e preserva a liberdade para guiar o seu destino, sem medir as consequências negativas, para seu próprio futuro, de permanecer na atividade que exerce.

A prostituição masculina

A prostituição masculina já era detectada desde a Grécia Antiga, mas, para os propósitos deste artigo, será dado o foco no seu processo de transformação predominantemente ao longo dos séculos XIX a XXI. Algumas dessas mudanças relacionaram-se a aspectos econômicos e culturais gerais, como a Grande Depressão pós-1929 e o crescimento da contracultura durante as décadas de 1960 e 1970, mas algumas das mais importantes ocorreram em resposta a transformações na ideia de “homossexualidade” e à influência crescente desse conceito na cultura das classes média e trabalhadora (KAYE, 2004). No âmbito acadêmico, a pesquisa mais sistemática sobre a prostituição masculina em âmbito mundial mostrou-se limitada, e as análises do tamanho do comércio do sexo de homens para outros homens e da extensão dos riscos associados a ele mantêm-se consideravelmente especulativas. Os resultados variam de acordo com os métodos de localização e de abordagem dos informantes, bem como os panos de fundo culturais a partir dos quais as amostras são selecionadas e analisadas. Alguns especialistas sugerem que os prostitutas entram para a atividade por escolha própria, além de já serem homossexuais e inclinados à promiscuidade e à frequência a bares, boates e locais de “pegação”, sem os quais não encontrariam grande parte de seu mercado. Já outros sustentam que a queda do nível de vida e a busca pela própria subsistência são as principais forças determinantes da decisão desses homens de se prostituírem, independentemente de sua orientação sexual. Há



também especialistas que apontam que a prostituição ocasional pode ser uma atividade que coloque o jovem em contato com pessoas que considera interessantes, ambientes luxuosos e estilos de vida excitantes que ele não conseguiria alcançar com um trabalho convencional (WEST, 1993).


Tais homens são frequentemente retratados como “predadores” ou “pervertidos”, tendo sua imagem associada à delinquência, à amoralidade e à criminalidade, em especial quando não têm onde morar ou buscam clientes nas ruas. A literatura médica e a jurídica contribuíram para tal tipificação. Alguns escritos clássicos que falam da emergência da prostituição masculina contemporânea na Europa no século XIX ressaltam a emergência simultânea de escritos sobre a prostituição e a homossexualidade, como as obras de sexólogos como Havelock Ellis, Iwan Bloch e Magnus Hirschfeld, bem como do psicanalista Sigmund Freud. Alguns desses estudos focavam as circunstâncias sociais nas quais a prostituição poderia ser identificada como uma prática nas quais homens tinham como se engajar (KAYE, 2004). Entretanto, o tratamento da prostituição masculina no século XIX era predominantemente feito como um “problema” combinado à questão emergente da “homossexualidade”, o que não significa que homens não se engajassem em relações sexuais com outros por dinheiro antes disso, como nas grandes metrópoles europeias ao longo do século XVIII. Tal comportamento não era, todavia, geralmente reconhecido como “prostituição”, uma vez que ainda não havia sido completamente feita uma distinção à época entre o desejo por pessoas do mesmo sexo e a atividade sexual comercial envolvendo homens (SCOTT, 2003).

Como ocorreram em relação a outras práticas sociais, médicos e sexólogos da classe média moldaram a representação da prostituição masculina à sua agenda política, em especial a orientação sexual dos participantes no comércio do sexo, mas não trataram tanto das condições de vida dos homens que se engajavam na atividade. Como muitos prostitutas viam-se como heterossexuais mas se engajavam em atividades sexuais com outros homens, eles colocavam um desafio às novas teorias de “inversão” que dominaram a Era Vitoriana: seria um “invertido” um homem que se engajasse em sexo com outros homens por dinheiro? (KAYE, 2014). Como Foucault (1990, 1999) indicou, os primeiros sexólogos se engajaram no projeto de construção social do “homossexual” como um tipo distinto de indivíduo (FOUCAULT, 1990, 1999).

Nem todos os homens que se engajavam em práticas sexuais com outros homens eram identificados ou se autoidentificavam como “desviantes”, em particular na classe trabalhadora. Enquanto as categorizações sexológicas tornavam-se hegemônicas na classe média, a cultura


das classes trabalhadoras era caracterizada por um sistema diferente de classificação social, de forma que os homens só eram rotulados como “fadas” se assumissem muito explicitamente características femininas – por exemplo, utilizassem roupas semelhantes àquelas vestidas por prostitutas e competissem com elas pelos mesmos pontos –, e muitos homens dessa classe se sentiam livres para buscar sexo com as “fadas”, mostrando-se dispostos a pagar para ter esse prazer na rua, em acampamentos militares ou mesmo em bordéis e às vezes usando a violência contra elas. Das décadas de 1930 a 1950, a divisão entre “heterossexuais” e “homossexuais” baseada em seus parceiros sexuais substituiu a divisão entre “homens normais” e “fadas”, de forma a fortalecer a ligação entre a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo e o “desvio de gênero”, de forma que o receio de serem classificados como “homossexuais” fez com que muitos homens deixassem de buscar o sexo com as “fadas”, inclusive o pago. Na literatura médica, psiquiatras faziam a separação entre uma “homossexualidade congênita” – na qual se inseriam os “invertidos”, que incorporavam atitudes femininas como as “fadas” – e a “homossexualidade adquirida”, que se referia a homens que ocasionalmente tinham sexo com outros homens, como os “pervertidos”. Enquanto na classe trabalhadora o estigma ficava mais alocado às “fadas”, os especialistas da classe média viam ambas as categorias negativamente (CHAUNCEY, 1982). A figura do prostituto apareceu na literatura sexológica, pois representava um dos casos liminares potenciais que médicos da classe média desejavam especificar como “desviantes”, mais especificamente como “pervertidos”, e assim prescrever uma reforma moral para aqueles que manifestassem a “perversidade imoral” (KAYE, 2004).

Com a crise que se desenvolveu com a Grande Depressão de 1929 nos Estados Unidos, muitos homens que se viam como “normais” na classe trabalhadora começaram a complementar suas rendas ou salários prostituindo-se para homens que se identificavam como homossexuais. Muitos homens mantinham a vontade de ter relações sexuais com outros homens, particularmente se algum tipo de benefício material atenuasse o peso da negociação com o prostituto. Para rapazes pobres, as relações sexuais estavam baseadas em uma economia moral específica, em que a classe trabalhadora principalmente trocava sexo por comida, abrigo, diversão, dinheiro ou companhia. A prostituição servia como uma fonte importante de renda para que não precisassem partir para a criminalidade ou conseguissem acesso a locais que não tinham condições de frequentar, como cinemas. Nesse contexto, mesmo homens que se viam como heterossexuais tornavam-se prostitutas e assumiam essa como sua principal ocupação, de forma que buscavam gradualmente se distanciar da imagem das “fadas” e assumir uma auto-apresentação mais “masculina”, ligada às classes populares, em especial a partir da década de



1930 (KAYE, 2004). Em contraste com a prostituição feminina, a masculina não era, até esse momento, ainda considerada um problema social significativo, apesar de sua profunda associação com os “desvios de gênero” e a desordem social. Entretanto, as mudanças nas concepções de sexualidade, ligada à emergência da categoria “adolescente” no discurso acadêmico, fez com que a atenção de cientistas se voltasse ainda mais para a prostituição masculina durante as décadas de 1940 e 1950. Grande parte da pesquisa feita nesse período sugeria que a prostituição masculina era um problema associado ao desenvolvimento da identidade sexual, bem como ao sexo intergeracional e à exploração econômica. Os prostitutos era cada vez mais retratados como vítimas jovens e inocentes de “predadores pervertidos” mais velhos, de forma a se apontar que era dever das autoridades proteger jovens “ignorantes” de homens mais velhos que tinham comportamentos “não-naturais”. Esses jovens não eram automaticamente classificados como “homossexuais” (SCOTT, 2003). Os prostitutos que assumiam a homossexualidade raramente apareciam na literatura acadêmica, o que acabava por fortalecer a ideia de que homossexuais mais velhos pervertiam homens heterossexuais mais jovens, cuja imagem era traçada como “hipermasculina”. A homossexualidade era visivelmente tratada como patologia nesses estudos (BIMBI, 2007).


Gradualmente, estudos médicos apontavam os prostitutos estavam associados à transmissão de doenças venéreas, de forma que ameaçavam a saúde e a moralidade e minavam a eficiência econômica e militar por contaminarem trabalhadores e soldados. Nesse sentido, na esfera política, a histeria contra gays e prostitutos varreram países como os Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1940 – quando o diretor do FBI J. Edgar Hoover declarou guerra aos “criminosos sexuais” – e durante o Macartismo entre as décadas de 1940 e 1950, em que a mídia e a polícia focaram em “parceiros sexuais” ou “psicopatas sexuais” que ameaçavam meninos e meninas ao redor de todo o país. Em face disso, prostitutos começaram a restringir suas atividades a guetos ou locais de encontros sexuais como estradas ou bares, que vinham formando um subconjunto para a prostituição masculina. Nesses lugares, ganhavam espaço jovens tidos como “delinquentes”, que geralmente não encontravam ou buscavam alocação no mercado formal de trabalho e usavam o dinheiro ganho com a prostituição para atividades de sustento ou mesmo recreativas, que iam desde a aquisição de bens como automóveis até o consumo de drogas. Enquanto até então se requeria que homens “normais” das classes mais baixas agissem de forma viril e como parceiros ativos, a cobrança por outras formas de sexo por parte do prostituto tornava-se maior conforme ele atendesse a desejos sexuais mais variados por parte de seus clientes, enquanto o próprio prostituto que se via como heterossexual parecia



profissionalizar-se mais ao distanciar sua atividade do prazer que ele próprio sentia nas relações que tinha com os clientes, uma vez que o prazer poderia associá-lo a homossexualidade. Durante as décadas de 1950 e 1960, disseminou-se a ideia de que esses homens poderiam ser tratados por meio de intervenções médicas. A liberação gay a partir do fim da década de 1960 e do início da década de 1970 questionava a heterossexualidade de qualquer homem que tivesse qualquer forma de sexo com outros homens, de forma a dificultar que homens que desejavam se engajar em relações sexuais com outros homens o fizessem sem terem o que consideravam “o ônus da identificação homossexual” (KAYE, 2004; SCOTT, 2003).


A queda das condições de vida de muitos homens jovens durante as décadas de 1970 e 1980 fez com que muitos buscassem a sobrevivência se prostituindo nas ruas, nas quais muitos estavam em posição vulnerável. A representação típica do prostituto passava cada vez mais a ser marcada por uma combinação de pena e compaixão (SCOTT, 2003). As novas representações do prostituto eram melhor aceitas pela opinião pública porque resultavam do fato de que muitos dos jovens que se prostituíam eram brancos e de classe média e vinham de famílias burguesas desagregadas e abusivas, ainda que poucas críticas fossem efetivamente feitas às instituições sociais – como a homofobia, o sexismo, o racismo e a pobreza estrutural – que exacerbavam as dificuldades de jovens que partiam para a prostituição. Ela era cada vez mais vista como uma forma a partir da qual pessoas jovens poderiam resistir a situações familiares abusivas, encontrando no sexo pago uma certa forma de independência que a sociedade parecia relutante em oferecer a esses jovens (KAYE, 2004).

Entretanto, a ideia do prostituto como uma vítima não substituiu automaticamente outros entendimentos menos solidários à prostituição masculina, nem impediu o surgimento de representações ainda mais degradantes. Alguns estudos na década de 1980 apontavam que fatores relacionados ao pano de fundo familiar eram menos relevantes para a entrada desses homens na prostituição do que a busca por ganhos financeiros maiores e as experiências sexuais precoces (EARLS; DAVID, 1989). As visões mais degradantes se disseminaram conforme os prostitutos eram classificados como um problema de saúde pública pela literatura acadêmica e pelas autoridades com a emergência do HIV / AIDS no início da década de 1980. Por conta de sua suposta propensão a adotar comportamentos arriscados – o que incluía o abuso de drogas e comportamentos sexuais não-protegidos –, os prostitutos eram retratados como “vetores” de uma doença e uma importante ponte epidemiológica para a infecção pelo HIV por serem partes do que se colocava como “grupos de risco” à população heterossexual, não só aos seus clientes, mas às suas esposas, parceiros ou familiares. A própria linguagem com a qual prostitutos




começaram a ser tratados na literatura médica era semelhante aos entendimentos epidemiológicos da prostituição feminina no que envolvia, por exemplo, a transmissão da sífilis, e a conceituação da prostituição masculina como um problema de saúde pública foi potencializada nos discursos governamentais como uma questão que envolvia não apenas **homens** jovens, mas mulheres e crianças (SCOTT, 2003). No início da década de 1990, o “paradigma da delinquência” parecia conviver cada vez mais com o foco no prostituto como um “vetor de doenças”, em especial com a disseminação do HIV por conta de comportamentos relacionados à prostituição masculina, como o uso de drogas injetáveis por muitos prostitutos (MORSE et al., 1992). Ao longo da década de 1990, diversas hipóteses que prevaleciam em torno do trabalho sexual masculino apontavam que os prostitutos tinham problemas psicológicos e panos de fundo familiares que contribuíam para a delinquência, abusavam de substâncias ilícitas e se engajavam em atividades sexuais que contribuíam para a disseminação do HIV / AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis (BIMBI, 2007).

Porém, estereótipos depreciativos em torno da imagem do prostituto já vinham sendo traçados havia anos. Desde a década de 1960 até a de 1980, muitos estudos tentaram traçar o perfil psicossocial do prostituto. Alguns apontavam que a exploração sexual do homem pode começar quando ele ainda é muito jovem, tanto no próprio lar como na rua ou em prostíbulos, em que seus corpos serviam ao interesse de pedófilos. Um estereótipo que também se construiu era aquele associado a um jovem delinquente que encontrava na prostituição uma de tantas atividades ilegais geradoras de dinheiro e que são disponíveis a ele, como assaltos à mão armada e furtos. Esse prostituto não precisaria se identificar como homossexual, mas atender à demanda dos seus clientes. Muitos utilizariam a transação como um prelúdio para a extorsão, a chantagem ou o roubo (WEST, 1993). Alguns especialistas viam a prostituição masculina associada a fatores como o desejo ou a busca por afeto por parte do prostituto, combinados ao desdém e ao antagonismo que ele sentia em relação aos homens com quem lidava. O prostituto usava os clientes para expressar a raiva e o ressentimento em relação aos seus pais (GINSBURG, 1967). Estudos renomados como o de MacNamara (1965) apontavam que o prostituto era jovem, imaturo, irresponsável, instável, dotado de inteligência reduzida ou mediana e hostil à família e à sociedade. Tal jovem não tinha um histórico profissional e vinha de uma circunstância familiar traumática, sendo ele fruto de uma relação ilegítima, alvo de rejeição – especialmente paterna – ou vítima de abusos por conta do alcoolismo e da brutalidade do chefe da casa (MACNAMARA, 1965).



Um típico prostituto de rua, segundo Coombs (1974), teria entre 15 e 23 anos de idade, seria desempregado e poderia ou não ser homossexual. De qualquer forma, ele apontaria na direção de uma masculinidade excessiva e seria muito sensível a qualquer questionamento de sua virilidade. Suas roupas, gestos e comportamentos seriam exageradamente viris. Tradicionalmente, ele afirmaria que não tinha realmente prazer nas relações sexuais com seus clientes, cujo objetivo seria apenas o ganho financeiro e não o desenvolvimento de afeto ou envolvimento que caracterizavam diversas relações sociais. Em relação aos clientes, a maior parte dos prostitutos se diria heterossexual, pois não veria no contato homossexual a sua forma preferida de estimulação sexual. De alguma forma, muitos pareciam ter introjetado um sistema de valores sociais que condenava a homossexualidade, mas não tinham dificuldade em participar e completar atos homossexuais em nome do dinheiro. Esse prostituto também teria, segundo Coombs (1974), um pobre histórico profissional e não demonstrava fortemente vocações específicas, sendo dotado de uma inteligência limitada por vir de um contexto socioeconômico de privações e de instabilidade doméstica, de ambientes marcados pelo excesso de violência e pela rejeição por parte dos pais. Tal prostituto se sentiria tipicamente no controle da relação com o cliente, uma vez que era capaz de extrair o dinheiro desse outro homem a quem, num contexto social distinto, ele seria subserviente. Nessa relação, o prostituto buscava a interação não por prazer, mas para a obtenção de algum tipo de recompensa e deveria permitir-se ser completamente masculino, sem que qualquer ato violasse o conceito que ele tinha dele mesmo. O cliente deveria tratar o prostituto com um prestador de serviço, de forma a poder externar seus impulsos homossexuais sem culpa e entender que não haveria afeto envolvido. Nenhuma violência ocorreria se o cliente estivesse ciente dessas regras (COOMBS, 1974).


Enquanto a literatura acadêmica não parecia basear-se nos perfis literários que falavam de uma “inocência perdida” na descrição dos prostitutos, ela passou a focar cada vez mais nas dificuldades encontradas por trabalhadores e pessoas desabrigadas, nos conflitos familiares, no abuso doméstico e no uso de drogas pelos prostitutos. A agenda assim muda o foco de encarceramento ou de cura dessas pessoas e passa a dedicar-se à provisão de serviços, distanciando-se gradualmente – mas não completamente – das imagens patológicas (KAYE, 2004). Além disso, desconstruindo perfis como o traçado por Coombs (1974), autores como Allen (1980) foram além e começaram a apontar que prostitutos podem ser delinquentes que fogem da escola ou estudantes universitários educados e refinados; vir de projetos sociais ou de subúrbios da classe média; ter famílias completamente desagregadas ou extremamente



amorosas; ser heterossexuais, bissexuais ou homossexuais; ter a prostituição como sua principal ocupação ou não, buscando a atividade somente quando precisam de dinheiro ou outros ganhos; ser encontrados nas ruas, bares, saunas, agências de modelos ou anúncios; apreciar a atividade sexual com o cliente, tolera-la ou a detestar; estar envolvidos em atividades criminosas ou não; abusar ou não de drogas ou ser ou não homens bem sucedidos na profissão (ALLEN, 1980).

Uma literatura desenvolvida principalmente ao longo das décadas de 1980 e 1990 aponta que os prostitutos, cujo caráter pode ser variável, podem estar em busca de amizade ou de amor como outras pessoas jovens, mas optaram pela prostituição como um método temporário ou permanente de sobrevivência em face de circunstâncias sociais decadentes. A imagem degradante associada ao prostituto que trabalhava nas ruas contrastava nessa literatura com as imagens de “boys” de luxo, em geral modelos, artistas ou atores de filmes pornográficos, que eram mais bem pagos e não vendiam os corpos nas ruas, mas em anúncios veiculados em jornais ou revistas e, mais recentemente, pela internet em sites próprios, sites de anúncios, sites de relacionamentos ou redes sociais ou mesmo negociados por seus agenciadores. Muitos anúncios apresentam esses rapazes como “massoterapeutas” ou “modelos”, listando suas características mais atraentes e seu físico, deixando ao leitor mensagens sugestivas dos serviços sexuais oferecidos. Tendo em vista essas diferenças, a literatura passou cada vez mais a separar os trabalhadores do sexo em duas categorias: os prostitutos que trabalhavam nas ruas, que utilizavam encontros face a face com os clientes em locais públicos como áreas de “pegação” e ruas onde havia bares e boates, e os prostitutos de luxo, categoria que incluía os massoterapeutas eróticos, modelos e acompanhantes (WEST, 1993).

Trabalhos acadêmicos desenvolvidos nas duas últimas décadas do século XX também apontavam que os prostitutos poderiam trabalhar em uma variedade de locais, além de reconhecerem que o trabalho sexual masculino poderia ser motivado por um comportamento delinquente, fatores econômicos – como dificuldades financeiras, necessidade de renda extra e a compra de drogas –, aventura sexual ou escolha profissional (LUCKENBILL, 1985). A motivação do homem para o engajamento no trabalho sexual parecia variar enquanto uma função de sua orientação sexual. Enquanto homens heterossexuais pareciam estar primordialmente motivados pela delinquência ou pela necessidade de sobrevivência, homens homossexuais ou bissexuais também poderiam estar motivados por esses fatores, mas, para alguns deles, o divertimento e o prazer sexual poderiam ser fatores determinantes. Na hierarquia do trabalho sexual, a forma de pagamento mais baixa – o trabalho nas ruas – geralmente era a selecionada por uma juventude heterossexual, enquanto as formas de trabalho sexual mais bem



pagas eram as exploradas por prostitutas gays mais velhos (BIMBI, 2007). Entretanto, a distinção entre subgrupos de prostitutas é muitas vezes provisória, tendo em vista que a alocação dos prostitutas em um grupo ou outro pode ser determinada por mudanças nas circunstâncias de vida. Em face da ausência de clientes dispostos a pagar mais caro por sexo, um prostituto de luxo poderia se tornar um prostituto de rua, por exemplo (EARLS; DAVID, 1989).

Independentemente dos esquemas classificatórios envolvidos, as associações da prostituição masculina com a imoralidade ou mesmo a criminalidade seguem, em alguns aspectos, parâmetros semelhantes ao da prostituição feminina, tendo em vista que a atividade é ligada à vivência a partir de ganhos tidos como imorais e à estruturação do negócio como clandestino, com lucros não-declarados, a adoção de um estilo de vida à margem das leis e o envolvimento dos prostitutas e dos seus agenciadores com atividades criminosas, como o tráfico de drogas. Em algumas sociedades, qualquer ato sexual entre homens é concebido como crime para ambos os participantes e, se ocorre penetração anal, é possível que penalidades máximas sejam estabelecidas, como a pena de morte. A severidade de muitas leis acompanha as atitudes condenatórias da sociedade mais tradicional ou conservadora em relação ao cliente e ao prostituto, ainda mais pelo fato de a transação ocorrer entre pessoas do mesmo sexo. Aqueles rapazes que se prostituem e têm maior apreço pelos pais, namoradas ou contatos com heterossexuais tipicamente procuram evitar ainda mais a exposição, de forma a muitas vezes se distanciarem da família e de amigos e limitarem sua socialização aos membros do seu próprio meio de atuação, como outros prostitutas ou clientes (WEST, 1993).


Nos estudos desenvolvidos no fim do século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI, o “paradigma da patologia” continuou a orientar muitos pesquisadores, em particular nas ciências médicas. Entretanto, a literatura nas ciências sociais pareceu reconhecer que a maioria dos estudos que tratavam da prostituição masculina tinha sido dominada por paradigmas que desumanizavam os sujeitos pesquisados. A psicopatologia, o desvio social e a concepção de prostitutas como “vetores de doenças” – em especial com a disseminação do HIV / AIDS – enquadraram as questões de pesquisa naquelas ciências, bem como as tipologias e a definição de características específicas designadas a cada categoria de prostituto. Muito do conhecimento construído – em grande parte baseado no prostituto de rua (CALHOUN; WEAVER, 1996) – generalizou características para todos os homens trabalhadores sexuais, o que desembocou em estigmatização, estereotipação e demonização do prostituto. Na contemporaneidade, o foco dos estudos parece deslocar-se para as motivações pessoais para o trabalho sexual, sendo que se

torna dominante dentre essas motivações a visão do trabalho sexual como um emprego e, assim, uma fonte válida de renda (BIMBI, 2007).

Além disso, o advento da internet – desde sites até aplicativos para encontros sexuais – ampliou o leque para o trabalho sexual, de forma que os olhares dos pesquisadores começaram a se voltar cada vez mais para essa nova forma de atuação dos prostitutos, tendo em vista que a rede facilita a busca pelos serviços sexuais e permite que ela seja feita de forma mais discreta do que a abordagem na rua, por exemplo (PRUITT, 2005). Autores como Kaye (2007) começaram a analisar as representações midiáticas de homens jovens nas ruas, em particular o status sexualizado de vítima do prostituto branco e o status sexualizado de predador do prostituto não-branco, em geral concebido como um membro de gangue ou traficante. A natureza distinta dessas imagens tem efeito sobre projetos políticos da cultura dominante, que, de forma geral, busca reintegrar uma juventude branca “desviante” e controlar e excluir a juventude não-branca (KAYE, 2007).

Cumprido destacar que a literatura que tratou da prostituição masculina no Brasil seguiu muitos rumos apontados pelo debate internacional. Perlongher (1987), ao tratar da prostituição viril em São Paulo na década de 1980, destaca que os prostitutos demonstravam e cultuavam aspectos másculos e viris, que permitiam a eles diferenciar-se dos “afeminados” (PERLONGHER, 1987). Nessa “economia do desejo”, parecia operar um regime excludente de controle da sexualidade que contraria a lógica de valorização das diferenças – comprovada na demonização do “afeminado” pelos prostitutos –, algo que veio sendo reiterado por essa literatura posteriormente (SOUZA, 2012).

Os processos de urbanização nas principais metrópoles brasileiras e depois em cidades menores geravam pontos de encontro entre homens para encontros eróticos e sexuais, que também eram usados para a prostituição masculina. Todavia, algumas intervenções urbanas que almejaram acabar com “redutos de boemia” pretenderam remover do tecido urbano elementos tidos como “indesejáveis”, tais como profissionais do sexo, que migraram para outras áreas das cidades ou mesmo outras cidades, acompanhando especialmente o desenvolvimento da economia noturna (CARDOSO; MACHADO, 2015; GREEN, 1999). Nas ruas, os territórios de prostituição de travestis e michês em grandes cidades brasileiras como o Rio de Janeiro foram demarcados nos espaços públicos de forma simbólica, combinando uma direção no espaço e a legitimação de sua posse. Nessas áreas, a dimensão espacial e o controle territorial são peças-chaves para se obter poder. A demarcação é feita por meio de violência explícita – em especial entre prostitutas e travestis – e de atos simbólicos, como o órgão genital seguro nas mãos e




exposto pelos michês na atração da clientela em seus territórios. Problemas de ordem social, que levaram ao desemprego e ao achatamento de salários no Brasil, fizeram com que inúmeras pessoas buscassem uma atividade alternativa para a sobrevivência ou uma forma de complementação de salários, como a prostituição masculina. Muitos michês, inclusive, não se consideram homossexuais, mas realizam atividades sexuais com outros homens em troca de dinheiro e outras formas de favorecimento pessoal. A disseminação do HIV / AIDS levou a uma queda do número de clientes em diversas áreas de prostituição, bem como a uma mudança no comportamento sexual de clientes e profissionais do sexo, como o uso mais difundido do preservativo (RIBEIRO; MATTOS, 1996).

A prostituição masculina no cinema e a análise fílmica

A prostituição masculina já foi trabalhada em inúmeras produções cinematográficas, tipicamente associando o prostituto aos estereótipos de “criminosos” hipermasculinos ou “promíscuos”. Em termos da análise fílmica, é importante destacar que a virilidade no cinema se apresenta como uma série de estilhaços fetichistas trazidos para a produção audiovisual, como as camisetas usadas por James Dean e Marlon Brando a partir da década de 1950. O que impõe a virilidade e a faz abandonar as margens fetichistas dos fragmentos erotizados da cinefilia é sua representação historicizada. Quando um corpo se transforma num fato social pelo poder do cinema, ele se torna uma experiência de todos e de cada um, intensificando sua percepção, e adquire a sua potência de cristalizar e falar sobre expectativas, medos e valores de uma sociedade. Um corpo no cinema se faz marca de um tempo histórico e um espaço social, trazendo em sua força viril ou em sua fraqueza o poder de engendrar uma representação coletiva dele mesmo (BAECQUE, 2013).

O prostituto adquiriu uma maior potência ao representar não apenas desejos secretos, mas medos e expectativas de uma sociedade cujos valores a hipermasculinidade dele parecia romper, em especial por meio de suas ações criminosas e atitudes promíscuas. Seu corpo traduzia desejos, uma vez que aparecia representado por homens atléticos, como Jon Voight em “Perdidos na Noite” (1969). A inflação contínua do corpo numa excrescência muscular extrema de uma masculinidade de aparências legítima a exibição de corpos masculinos copiosamente desnudados em sociedades, que, em matéria de pudor, mantêm-se tradicionais. Na década de 1950, corpos musculosos ganham o cinema em cenários como a praia. Desde o fim da década de 1970 e o início da década de 1980, as exibições musculares generalizaram-se no cinema e




na televisão. As manifestações espetaculares de cultura de aparência viril culminaram na transmissão de hábitos corporais em nível global, de forma que a hipermasculinidade tornou-se elemento central da cultura visual cinematográfica (COURTINE, 2013), inclusive na representação do prostituto, desejo secreto de muitas mulheres e também homens que caracterizavam as sociedades ditas mais “conservadoras”.

As ações criminosas e promíscuas do prostituto provocavam medos e receios nos filmes que os retratavam, como os personagens de River Phoenix e Keanu Reeves em “Garotos de Programa” (1991), em que ambos interpretam jovens que vivem nas ruas de Portland num meio de drogas e prostituição. As figuras dos criminosos cristalizam e exacerbam perfis de masculinidade, sendo que a fascinação pelo homem marginal expõe e se deixa decifrar em seu mais simples aparato. Sua aparência física remete tipicamente a força e potência em um sistema de relações interpessoais dominado pela violência física. A força se prolonga por meio da arma e supõe resistência, dureza e coragem. A sexualidade é pensada no contexto dessas produções cinematográficas como manifestação de força e dominação. Feminizam-se alguns homens sobre os quais se abate a dominação física, sexual e social, enquanto o homem dominante, sexualmente ativo, consolida sua virilidade (KALIFA, 2013).

Se por um lado tais corpos despertam receios por desestabilizarem instituições e valores sociais, por outro os personagens interpretados pelos atores tornam-se corpos em conquista de liberdade, transformando-se em ideia sensual encarnada, como se sua presença fosse uma forma de êxtase (BAECQUE, 2013). Produções audiovisuais mais contemporâneas lidaram com os prostitutos de forma mais complexa, de forma a não se fixarem em um único estereótipo para eles e poderem explorar seus sentimentos, visões e dilemas mais complexos. Seguindo a mesma linha de complexificação do debate acadêmico e sociopolítico em torno da prostituição masculina, o cinema também buscou gradualmente desvelar como a prostituição masculina foi desenvolvida não apenas com ênfase na figura de prostitutos enquanto protagonistas, mas também na interação que os prostitutos mantêm com seus clientes – sejam homens ou mulheres – e outros profissionais do sexo (MOON, 1993).

A prostituição masculina em “Sauvage”


Aplicando-se as ideias e os conceitos trazidos pelo debate teórico anteriormente apresentado, pode-se dizer que o filme “Sauvage” traz diferentes perfis de jovens prostitutos que assumem múltiplas imagens. O protagonista Leo é um jovem prostituto de rua, que faz seu



ponto na beira da estrada perto de um aeroporto e se expõe a um contexto permeado de perigos, como sinalizara Scott (2003). Aos poucos, ele se revela um andarilho, sem residência fixa, e usuário de drogas pesadas, em especial o crack. Leo nada fala sobre seu passado ou sobre sua família, como um “bicho solto no mato”. Num primeiro momento do filme, ele parece demonstrar afeto em relação aos clientes, a quem oferece de bom grado o seu carinho. Leo parece ter algum déficit de inteligência, de afeto ou de oportunidades, que o levaram a ser carente e entender bem a carência do próximo, de forma a se encantar por aqueles dispostos a dar a ele qualquer atenção (CUNHA, 2019).


No local onde faz seu ponto, ele conhece outro prostituto, Ahd, que assume um perfil másculo e se define como heterossexual, aproximando-se da “auto-apresentação mais masculina” analisada por Kaye (2004, 2007). Leo adquire rápida simpatia e afeição por Ahd, de forma a se mostrar apaixonado pelo parceiro de profissão. Quando um cliente cadeirante para o carro para abordar Ahd, Leo é convidado pelo próprio prostituto a dividir com ele o cliente. Durante o ato sexual, Leo beija o cliente, ao contrário de Ahd, que brutalmente se recusa a fazê-lo. Leo tenta tocar Ahd, que o questiona por que fazia aquilo. Quando o cliente e os prostitutas tinham já finalizado a primeira parte do programa, com Ahd e Leo nus sobre a cama dividindo um cigarro após uma tentativa frustrada de Leo de beijar o parceiro de profissão, o cliente pede que eles se beijem, dizendo que pagaria mais se o fizessem. Ahd aceita, mas, quando Leo tenta dar um beijo mais apaixonado nele, Ahd empurra Leo e pergunta se o cliente estava finalmente satisfeito. Leo sai revoltado do local, porque o cliente afirma, quando os prostitutas já se vestiam para ir embora, que queria um momento a mais somente com Ahd e é praticamente desprezado pelo parceiro de profissão mediante o pedido do cliente. Ahd parece se colocar mais próximo ao perfil traçado por Coombs (1974), que vê que o prostituto, enquanto prestador de serviço, deve compreender que não há afeto envolvido na relação com o cliente, nem mesmo com outros prostitutas. Em termos de representação fílmica, ele se aproxima do tipo hipermusculoso definido por Courtine (2013). Leo, frustrado, vagueia pelas ruas com roupas sujas, limpa o rosto com água de uma poça na rua e furta uma maçã disponível em uma bancada em uma venda para ter o que comer, sendo repreendido pelo dono do estabelecimento, sem parecer ter a noção de que suas ações possam ser socialmente vistas como inadequadas. Nesse sentido, parece agir de forma bárbara ou selvagem, como sugere o título do filme.

Num outro dia, Leo reencontra Ahd no ponto em que se prostituem à beira da estrada, e Ahd o aborda, perguntando se Leo estava zangado por ele. Ahd tira a camisa, faz cócegas e brinca com Leo, que logo deixa de lado seu ressentimento e se deixa seduzir novamente pelo



outro prostituto. Ambos vão a um apartamento abandonado onde uma série de jovens – muitos deles também prostitutas – moram e se encontram para beber, fumar e consumir drogas, em especial crack. Ahd mostra preocupação com a tosse incessante de Leo, que tenta retribuir a preocupação com um afago e um beijo em Ahd, que logo o afasta afirmando não ser “a namorada” dele e levando uma das mulheres que estavam no recinto para fazer sexo com ele num dos quartos. Mesmo frustrado, Leo procura aproveitar a noite regada a drogas e bebida. Ao amanhecer, ele se deita ao lado de Ahd, que estava dormindo sozinho na cama, e começa a se masturbar ao lado dele. Ahd acorda e ordena que ele pare, enquanto Leo afirma que isso o ajudaria a dormir. Ahd então o acolhe nos seus braços, deita a cabeça de Leo no seu peito e pergunta se ele se sente confortável. Após Leo afirmar que sim, envolto nos braços do homem que amava, Ahd afirma “Pronto. Afinal, não somos animais”. Leo ainda parecia entender que a vivência do afeto estava ligada à realização sexual, o que Ahd procura desconstruir ao dizer que não eram animais. Entretanto, Leo parecia não compreender completamente algumas noções tidas como dadas com relação à atividade que exercia, de forma a não controlar seus impulsos e sentir prazer e afeto não só por um outro prostituto, mas também pelos clientes.


O sentimento não-trabalhado socialmente de Leo no contexto da prostituição torna-se o centro de uma conversa que ele e Ahd teriam posteriormente, próximo a uma ferrovia. A ideia do transporte, ao longo do filme, vem claramente associada metaforicamente a uma mudança de vida, à partida para um outro estágio, que ambos ainda viam à margem. Ahd pergunta a Leo por que ele beijava os clientes. Leo diz que não se importava, enquanto Ahd afirma que percebia que Leo gostava de ser prostituto e, por isso, jamais deixaria aquela vida. Ahd confessa que não faria “boquete a vida toda”, mesmo porque nem se via como gay, e que queria sair dali, de preferência “arrumando um velho” que o bancasse. Leo diz que não queria isso para ele próprio e chega a sugerir que ele e Ahd deixassem a vida juntos, mas Ahd o frustra novamente ao afirmar que Leo deveria arrumar alguém que fosse gay como ele. Entretanto, a proteção que Ahd oferece a Leo nas ruas faz com que ele se apaixonasse cada vez pelo prostituto, como, por exemplo, quando ele intervém na discussão de Leo com o dono do estabelecimento de onde furtara maçãs, defendendo-o e escondendo maçãs para os dois. O sentido de parceria e camaradagem homosocial que, para Ahd, se desenvolvia entre ambos era entendido por Leo como expressão de um amor do homem rude por ele, apesar de todas as frustrações que isso gerava. Mais uma dessas frustrações fica clara quando, em uma boate, Ahd reencontra um antigo cliente que diz que queria viver com ele, um “velho”, como Ahd inclusive o chama. O cliente promete a Ahd uma vida melhor enquanto apalpa seu corpo, de forma que Leo apenas



o vê sair do local com esse cliente. Leo então vê um outro cliente também “velho”, que o leva para casa e fala de livros – que Leo não consegue ler, porque diz que não lia bem – e da esposa falecida. Leo tenta manter uma relação sexual com ele, mas o cliente logo afirma não estar mais acostumado ao sexo anal e ser velho demais para isso. Ao ouvir a história de amor entre o cliente e a esposa falecida, Leo parece se sensibilizar com o afeto demonstrado na fala e se oferece para dormir abraçado com o cliente, querendo cuidar dele por estar com vontade de ficar “quieto e tranquilo nos braços de um homem”. Leo beija o cliente e dorme abraçado a ele, numa prova de que estava disposto a demonstrar seu carinho por estar com ele aquela noite. Na manhã seguinte, Leo aparece novamente nas ruas, catando comida no lixo e se expondo ao sol. Com o dinheiro que recebe ao praticar sexo oral em um cliente num carro já na parte da noite, ele compra crack, consome a droga e dorme largado na rua, como se buscasse atenuar o sentimento não-correspondido por Ahd. Nesse sentido, ele consome drogas não necessariamente por conta de um trauma familiar ou desilusão profissional, como apontam MacNamara (1965) e Ginsburg (1967), mas pela desilusão de um amor não-correspondido, num contexto em que a não-reciprocidade de afeto e carinho já deveria ser esperada.

Numa outra noite, Ahd mais uma vez aparece para defender Leo no ponto em que se prostituíam para impedir que Leo concluísse o programa com um cliente que ele chama de “Pianista” porque tal cliente se engajava em práticas sexuais que envolviam “sangue e tortura”. Na mesma ocasião, Ahd vai tirar satisfação com Mihal – interpretado por Nicolas Dibla –, um novo prostituto que chegara ao ponto cobrando um valor inferior aos demais prostitutos para realizar sexo oral. A disputa por pontos e a negociação de valores a serem cobrados pelos prostitutos pelas atividades sexuais são pontos tratados por Earls & David (1989) e Ribeiro & Mattos (1996), e, em termos específicos da análise filmica, por Kalifa (2013). Na discussão, Leo defende Mihal, dizendo que ele não estava “incomodando ninguém”. Ahd quebra uma garrafa na cabeça de Mihal, mas, em vez de seguir Ahd fugindo do local, Leo se prontifica a levar Mihal a um hospital para que fosse tratado.

Ao mesmo tempo em que nutre o sentimento amoroso não correspondido por Ahd, Leo desenvolve relações de proximidade com outros prostitutos, que se ajudam e estão mergulhados no mesmo caldeirão de carência que ora combinam com o que querem, ora é apenas algo que eles precisam para não passarem fome. Um desses momentos ocorre quando estão reunidos na mata próximo ao aeroporto drogando-se, bebendo e vendo, da mata, aviões decolarem. Eles permanecem à margem, na analogia já mencionada entre os meios de transporte e a mudança de vida. Nessa ocasião, um dos prostitutos cede a Leo uma camisa nova (SANTIAGO, 2018).




O sentimento amoroso não-correspondido de Leo por Ahd o leva a uma série de escolhas equivocadas, que o protagonista faz a fim de tentar sublimar o desejo que sente por Ahd, mas não pode realizar. Após ser humilhado por dois clientes que não pagam o serviço realizado ao não se satisfazerem sexualmente e tentarem introduzir um plug gigantesco em seu ânus a ponto de fazê-lo sangrar, Leo vai pedir ajuda a Ahd, que já vive com o “cliente velho” que o reencontrara na boate. Mesmo tratando Leo com brutalidade, Ahd vai à residência dos clientes que não haviam pagado a Leo o programa, soca um deles e pega o dinheiro da carteira, dando uma parte a Leo e ficando com a outra. Ahd grita com Leo e diz que ele só o atrapalha. Leo insiste indo atrás do homem pelo qual era apaixonado, mas Ahd manda que ele o deixe em paz e se afaste, batendo em Leo e chegando a rasgar seu casaco.

Após estar bastante machucado, Leo vai mais uma vez a um consultório médico. O protagonista recorrentemente aparece em consultórios médicos, seja satisfazendo a fantasia sexual de um cliente – que assume o papel de médico que apalpa Leo sensualmente em suas partes íntimas e o masturba antes de praticar sexo anal com ele – na cena inicial do filme, seja efetivamente tratando da sua saúde. Depois de ser maltratado por Ahd, Leo vai a uma consulta com uma médica e se espanta quando ela pergunta se ele desejava tratar a dependência química. O não-entendimento da forma como a dependência química acabava com sua saúde mostrava como Leo não desenvolvera um senso crítico aprimorado, nem mesmo para observar o que lhe fazia mal. Durante o exame físico, o toque maternal da médica enternece o coração de Leo, que a abraça e recebe dela um tratamento para sua tosse incessante (CUNHA, 2019).

A partir dessa consulta, Leo tenta buscar uma vida mais saudável e deixa de consumir crack ou se expor a riscos, como sair com o “Pianista”. No ponto em que sempre se prostituía, ele reencontra Mihal, e ambos se mostram felizes com o reencontro. Após uma noite em que se beijam e seus corpos entram em contato numa pista de dança, Mihal fecha um programa com um cliente em parceria com Leo. O cliente os leva à sua residência. Enquanto prepara a bebida para os dois prostitutas, Mihal instrui Leo a ir ao banheiro, durante o programa, injetar com uma seringa um líquido na sua uretra quando seu pênis estivesse ereto, ao sinal de Mihal. Tal líquido, ao ser sugado pelo cliente ao praticar sexo oral em Leo, fê-lo adormecer ao fim do programa, dando a Mihal e Leo a oportunidade de furtar dinheiro e outros bens do apartamento do cliente. Como aponta West (1993), muitos prostitutas utilizam a transação e o próprio sexo como um prelúdio para a extorsão, a chantagem e, no caso, o furto.


Num jardim, Mihal e Leo fazem a divisão dos bens furtados, descartado aqueles para os quais não viam uso. Chama a atenção o fato de Leo recusar um telefone celular, porque disse



que não tinha para quem ligar e que, caso quisesse encontrar Mihal, saberia onde encontrá-lo. A posição de Leo revela não só certa aversão à tecnologia, mas alguma expectativa de que sua relação com Ahd pudesse dar certo, de forma a não fazer sentido manter contato com Mihal por meio de um telefone celular. Leo e Mihal se tornam próximos, sendo que Mihal o chama para jogar futebol com amigos em um parque, Leo passa mal durante a partida, e Mihal o ajuda, deitando-o no chão. Quando tenta beijá-lo, Mihal percebe que Leo não esqueceu Ahd e, por isso, despede-se definitivamente dele e recomenda que ele volte a buscar Ahd. Ao fazê-lo, Leo é novamente maltratado por Ahd e despeja sua raiva em Claude – interpretado por Philippe Ohrel –, um homem que vive no Canadá, mas frequentemente vai à França, e que sempre encontra Leo na ponte na qual vai observar os trens passando. Claude convida Leo para seu apartamento, onde Leo trata o cliente mal, inclusive durante o ato sexual. Quando o prostituto tem um acesso de tosse durante o programa e sangue começa a escorrer de sua boca, ele é acolhido por Claude, que diz que poderia ajudar Leo e que o prostituto poderia permanecer em sua casa quanto tempo quisesse, mas Leo logo se levanta da cama e diz que não ficaria porque Claude era “velho e feio”.

A partir de então, Leo faz sua última tentativa de abordar Ahd, invadindo o apartamento em que Ahd vivia com o “cliente velho” e começa a agredir tal cliente. Ahd o leva para fora e explica que moraria na Espanha com seu “velho”, indo embora em dois dias sem pretensão de voltar. Mais uma vez, Ahd aconselha Leo a “arranjar um velho”, porque essa era a “melhor opção” para pessoas como eles, e que Leo tinha nascido para ser amado. Porém, sem ter seu amor correspondido por Ahd, Leo entra numa trajetória de degradação absoluta, em que tem desmaios frequentes por conta de sua saúde debilitada, fuma cada vez mais crack e, após um dia acordar no asfalto, acaba por entrar no carro do “Pianista” para se prostituir.

Na noite do mesmo dia, Claude aparece na ponte onde sempre encontrava Leo e viu o prostituto caminhar pelo meio da ponte completamente ensanguentado e debilitado, amparando-o. Na cena seguinte, Leo aparece com uma aparência bem melhor, recuperado, em um consultório de um médico indicado por Claude, o cliente que desprezara num primeiro momento, mas com quem passara a viver e vinha cuidando dele. O médico – que era amigo de Claude – elogia a recuperação de Leo, em especial o fato de ter deixado as drogas, mas manifesta a preocupação com o amigo, pois Leo iria, em pouco tempo, viver com Claude no Canadá e não sabia o destino do amigo após o início de uma vida com Leo. Leo parece viver feliz com Claude, mas resiste a tentações de, por exemplo, pegar o dinheiro deixado pelo agora namorado para comprar drogas. Ao final, quando estão prestes a embarcar para o Canadá, Leo



aproveita que Claude se afasta dele e, após ver um avião decolando, foge do aeroporto, correndo pela estrada. Ele tira a camisa e toca as plantas, respirando aliviado e se sentindo livre. Ao final, ele entra numa mata densa, na qual deita encolhido e confortavelmente sobre as folhas, e adormece, como um animal selvagem. Leo, assim, parecia desenvolver sentimentos não-contidos pela lógica de socialização no ambiente da prostituição, de forma a não conseguir dissimular amor por alguém por quem efetivamente não sentia e garantir a sua liberdade para guiar o seu destino, sem que mensurasse as consequências negativas que isso poderia trazer para ele mesmo e seu futuro.

Considerações finais

Os discursos científicos em torno do corpo do prostituto buscaram torna-lo um objeto estável, sujeito a intervenções normalizantes que procuravam entendê-lo na sua individualidade e na sua relação com outros corpos que ocupavam o ambiente social por meio de técnicas como a comparação. Uma vez objetificado, o corpo do prostituto foi submetido à categorização e à classificação, sendo inserido em identidades culturais específicas e tendo a história de sua produção muitas vezes invisível. Esse processo de categorização e classificação permitiu a criação de múltiplos entendimentos da prostituição masculina, cada um deles representando uma categoria distinta da outra. Ainda que a tendência contemporânea seja representar a identidade do prostituto como fluida, isso não atenuou as preocupações governamentais em torno da prostituição, mas ampliou as noções de “risco” associadas à prostituição nos discursos biopolíticos (SCOTT, 2003).

Muitos desses riscos são expostos cruamente em “Sauvage”, mas, seguindo um caminho já apontado na literatura acadêmica por Allen (1980), os prostitutas no filme não se enquadram em um perfil único, de forma que podem ser delinquentes ou não; ser heterossexuais, bissexuais ou homossexuais; ter a prostituição como sua principal ocupação ou não; apreciar a atividade sexual com o cliente, tolera-la ou a detestar (ALLEN, 1980). Além de trazer os múltiplos perfis já traçados na literatura, o filme os transcende ao apontar que o prostituto pode romper regras tidas como básicas na socialização entre aqueles que exercem a atividade, inclusive desenvolver sentimentos como o afeto e o carinho por clientes e até mesmo pelos seus pares.

Reiterando-se o argumento de Moon (1993), produções contemporâneas como “Sauvage” enxergaram os prostitutas de forma mais detalhada, de forma a não reproduzirem um único estereótipo e a examinarem de forma mais pormenorizada seus sentimentos, visões e

dilemas. Como se observava no debate acadêmico e sociopolítico em torno da prostituição masculina, a produção cinematográfica também procurou explorar como a prostituição masculina foi desenvolvida não apenas ao trazer prostitutos como protagonistas, mas também ao exibirem a interação que mantêm com seus clientes – no caso de “Sauvage”, homens – e outros profissionais do sexo.

Referências

ALLEN, Donald M. Young Male Prostitutes: A Psychosocial Study. **Archives of Sexual Behavior**, v.9, n.5, p.399-426, 1980.

BAECQUE, Antoine de. Projeções: a virilidade na tela. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) **História da Virilidade – Volume 3: A virilidade em crise ? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013, p.519-553.

BIMBI, David S. Male Prostitution: Pathology, Paradigms and Progress in Research. **Journal of Homosexuality**, v.53, n.1-2, p.7-35, 2007.

BOSWELL, John. **Christianity, Social Tolerance and Homosexuality**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

CALHOUN, Thomas C.; WEAVER, Greg. Rational Decision-Making among Male Street Prostitutes. **Deviant Behavior**, n.17, p.209-227, 1996.

CARDOSO, Silvia Oliveira; MACHADO, Heitor Leal. “A Galeria do Amor” cidade, corpo e emoções na música de Agnaldo Timóteo. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015. **Anais**. Rio de Janeiro: INTERCOM, 2015, p.1-15.

CHAUNCEY, George. From Sexual Inversion to Homosexuality: Medicine and the Changing Conceptualization of Female Deviance. **Salmagundi**, v.58, n.9, p.114-146, 1982.

COOMBS, Neil R. Male Prostitution: A Psychosocial View of Behavior. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 44, n. 5, p. 782-789, 1974.

COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) **História da Virilidade – Volume 3: A virilidade em crise ? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013, p.554-577.

CUNHA, Well. “Selvagem”: filme francês mostra como desordem pode se transformar no imperativo da vida. **Um Frame**, 23 jan. 2019. Disponível em: <<https://umframe.com/2019/01/23/selvagem-filme-frances-mostra-como-desordem-pode-se-transformar-no-imperativo-da-vida/>>. Acesso em: 3 maio 2019.

EARLS, Christopher M.; DAVID, Hélène. A Psychosocial Study of Male Prostitution. **Archives of Sexual Behavior**, v.18, n.5, p.401-419, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade – Volume II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **História da Sexualidade – Volume I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GINSBURG, Kenneth. The “meat-rack”: A study of the male homosexual prostitute. **American Journal of Psychotherapy**, v.21, n.2, p.170-185, 1967.

GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

KALIFA, Dominique. Virilidades criminosas ? In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) **História da Virilidade – Volume 3: A virilidade em crise ? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013, p.302-331.

KAYE, Kerwin. Male Prostitution in the Twentieth Century. **Journal of Homosexuality**, v.46, n.1-2, p.1-77, 2004.

_____. Sex and the Unspoken in Male Street Prostitution, **Journal of Homosexuality**, v.53, n.1-2, p.37-73, 2007.

LUCKENBILL, David. Entering Male Prostitution. **Journal of Contemporary Ethnography**, v.14, n.2, p.131-153, 1985.

MACNAMARA, Donald. Male prostitution in American cities: A socioeconomic or pathological phenomenon? **American Journal of Orthopsychiatry**, n.35, p.204, 1965.

MOON, Michael. Outlaw sex and the “search for America”: Representing male prostitution and perverse desire in sixties film (My Hustler and Midnight Cowboy). **Quarterly Review of Film and Video**, v. 15, n. 1, p. 27-40, 1993.

MORSE, Edward V.; SIMON, Patricia M.; BALSON, Paul M.; OSOFSKY, Howard J. Sexual Behavior Patterns of Customers of Male Street Prostitutes. **Archives of Sexual Behavior**, v.21, n.4, p.347-357, 1992.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1987.

PRUITT, Matthew. Online Boys: Male-for-Male Internet Escorts. **Sociological Focus**, v.38, n.3, p.189-203, 2005.

RIBEIRO, Miguel Angelo Campos; MATTOS, Rogério Botelho de. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Território**, v.1, n.1, p.59-76, 1996.

SANTIAGO, Luiz. Selvagem (2018). **Plano Crítico**, 27 out. 2018. Disponível em: <<https://www.planocritico.com/critica-selvagem-2018/>>. Acesso em: 4 maio 2019.

SCOTT, John. A Prostitute's progress: male prostitution in scientific discourse. **Social Semiotics**, v.13, n.2, p.179-199, 2003.

SOUZA, Tedson da Silva. **Fazer banheiro**: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências. Dissertação – Mestrado em Antropologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2012.

VAN DER POEL, Sari. Professional male prostitution: A neglected phenomenon. **Crime, Law and Social Change**, n.18, p. 259-275, 1992.

WEST, Donald J. **Male prostitution**. Nova York, Londres: Routledge, 1993.

Beyond the Wild Heart:

Male Prostitution in “Sauvage” (2018)

Abstract: The aim is to examine how Camille Vidal-Naquet's French film “Sauvage” (2018) treats male prostitution from the profiles and actions of its main characters who take on the role of prostitutes and their interaction with the clients. The central argument points out that the movie reinforces a series of psychosocial profiles, already worked in the academic literature, that link male prostitution to hypermasculinity, crime and drug addiction. Although the protagonist does not completely escape from these profiles, he develops, in a different way from the profiles that have gained strength in the political-academic treatment of male prostitution, affection not only for clients, but for another prostitute. He manifests feelings not contained by the logic of socialization in the environment of prostitution and preserves the freedom to guide his destiny without measuring the negative consequences for his own future of remaining in the prostitution.

Keywords: Male prostitution; French cinema; Sauvage; Camille Vidal-Naquet; affection

Recebido em: 05/05/2019

Aceito em: 09/01/2020